

A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA DA CRIANÇA NO MOVIMENTO SEM TERRA: ENTREVISTANDO A MILITANTE KAMILA KARINE DOS SANTOS VANDERLEY

*Christina Gladys de Mingareli Nogueira¹
Isabelle Mingareli N. dos Santos²*

A temática da criança/infância no espaço rural vem despertando cada vez mais o interesse de pesquisadores em diversas áreas das Ciências Humanas e Sociais, dentre essas áreas podemos destacar a Sociologia, a Antropologia, a Educação, a Psicologia, a área interdisciplinar de Direitos Humanos, a História, entre outras. Nesta entrevista, realizada em 21 de abril de 2018, Kamila Karine dos Santos Wanderley nos contou de sua trajetória como professora em escolas do campo, como pesquisadora e militante dos direitos das crianças e dos adolescentes Sem Terra na Paraíba. Contou-nos sobre seu trabalho de mestrado, que teve como principais interlocutores as crianças rurais. Destacou, ainda, o lugar político ocupado pelas Crianças participantes do Movimento Sem Terra, os chamados “Sem Terrinhas”. Kamila Karine dos Santos Wanderley possui Licenciatura em História e Licenciatura em Pedagogia com aprofundamento em Educação do Campo pela Universidade Federal da Paraíba. É também especialista em História do Brasil e da Paraíba. cursou Mestrado em Formação de Professores

¹ Entrevistadora. Mestre em Antropologia Social pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); professora substituta/ UEPB, Brasil. E-mail: c.g.nogueira@gmail.com

² Transcrição. Graduanda em Relações Públicas pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), graduanda em Produção Publicitária (IESP).

Universidade Estadual da Paraíba. Atua nas áreas de Educação do Campo e Extensão Rural; Formação Docente; Processo Didático/Organização do Trabalho na Escola; e Prática Pedagógica. Atualmente é articuladora Estadual do Setor de Educação do MST na Paraíba e coordenadora das turmas de educação de jovens e adultos em áreas de reforma agrária na PB.

Christina Gladys: Bom dia, Kamila. Agradeço a disponibilidade em termos dessa conversa. Poderia começar nos contando como foi seu envolvimento com a temática da Criança Rural?

Kamila Karine: Minha trajetória na Educação do Campo e na História Sem Terrinha se iniciou em meados de 2012. Fui professora de história por cerca de sete anos na zona Rural. Quando entrei no curso de Educação do Campo, em 2011, me envolvi nos grupos de pesquisas que tinham como foco a formação de educadores no assentamento Zumbi dos Palmares, em Mari/PB. E lá nessa escola é onde temos as experiências mais completas. Tem o PPP – Projeto Político Pedagógico voltado para educação do campo, no qual os ensinamentos do MST são de fato vivenciados, que é uma escola de educação infantil. Comecei a me envolver nesse espaço quando fazíamos a formação com os educadores. Tínhamos a necessidade de ficar com as crianças do quarto e quinto anos, visto que é uma escola multisseriada. Foi através do grupo de pesquisa de Socorro Xavier que fomos preparando esses momentos com as crianças, com o próprio material do MST e com as experiências concretas da escola. A partir desse momento no acampamento fomos aprendendo a fazer escola dentro do próprio movimento. Foi nesse espaço também que realizei minha pesquisa de mestrado.

Christina Gladys: Você poderia nos falar sobre seu trabalho de mestrado: “Fazer e ensinar em história”: memória e construção da educação do campo na escola municipal Zumbi dos Palmares – Mari/ PB.

Kamila Karine: Com base nas experiências que já vínhamos construindo na escola desde o PIBIC-UFPB e das formações continuadas, a dissertação teve como objetivo desenvolver propostas de metodologias participativas

no ensino de história, na abordagem da história local e memória, o que foi feito a partir das experiências de formação da identidade social da turma multisseriada do quarto e do quinto ano da Escola do Assentamento Zumbi dos Palmares, localizada no município de Mari/PB. A nossa proposta também visou identificar a concepção do ensino de história, mediatizada pelo Projeto Político Pedagógico. Os principais sujeitos da pesquisa, de fato, foram as crianças, estudantes de nove e dez anos, da turma multisseriada do quarto e do quinto ano da escola. Porém, além desses sujeitos, participaram da pesquisa a professora da turma e os moradores que fizeram parte do processo de luta pela terra no assentamento. A partir das ideias de identidade e memória, e da construção de uma Educação do Campo, referente ao ensino de história local, buscamos analisar qual era a versão da História que Pedagogia do Movimento Sem Terra tem proposto, história essa aprendida no cotidiano desse movimento, a qual vem se construindo no desenvolvimento da memória e da relação do movimento com a formação da identidade social dos participantes.

Christina Gladys: E quanto à metodologia, como foi o trabalho com as crianças no seu mestrado?

Kamila Karine: A pesquisa teve cunho qualitativo, nos moldes da pesquisa ação. Além disso, a história oral foi fundamental para nosso trabalho. Utilizamos também uma diversidade de ferramentas: oficinas e sequências didáticas com as crianças, entrevistas com crianças e adultos e o vídeo-história. O conjunto dessas metodologias foi uma forma importante para a reconstrução da narrativa histórica sobre o Assentamento Zumbi dos Palmares e sobre a própria escola.

Christina Gladys: O que mais você pode acrescentar sobre esse seu envolvimento com as crianças na Zona Rural?

Kamila Karine: Após essa experiência inicial, ainda estou envolvida e venho acompanhando não só essa escola, a Zumbi dos Palmares, mas a Tiradentes, no assentamento Tiradentes, também em Mari. O foco agora é a observação do que é ser criança em área de assentamento. Observo que essas crianças estudam a sua história e a sua geografia partindo dos relatos

que mostram que aquele espaço foi fruto de muita luta e isso é muito presente no dia-a-dia e nas falas delas, pelo menos nessas duas escolas, onde até hoje você consegue observar e colher os relatos das crianças.

Fazendo parte desse processo, a cada dois anos, o Movimento Sem Terra (MST) constrói o espaço dos “Sem Terrinha”. Em 2012, participei pela primeira vez do encontro estadual, como oficinaira. Tinha como perspectiva a construção de uma faixa a partir de uma roda de conversa com as crianças, queríamos saber onde elas viviam, como elas percebiam a localidade onde moravam. Com a ajuda de outras companheiras, passamos isso para as telas. Então, foi realizada uma construção coletiva, com as crianças, de telas muito bonitas fruto desse encontro.

Essa minha experiência com as crianças foi de muita escuta e respeito ao espaço delas. Eram crianças muito variadas. Se formos falar das crianças do encontro de 2012, são muito variadas. Esse encontro teve cerca de 400 crianças e foi no Liceu Paraibano, uma escola pública estadual de João Pessoa - PB.

Gosto de chamar a atenção para o fato de que essa experiência não é só da/na escola Zumbi do Palmares. Esse diálogo se estende e é também aberto à comunidade, às casas, às brincadeiras infantis. E, nesse sentido, vale ressaltar que o MST vê a criança como sujeito.

Fazendo um salto para 2016/2017, considerando que já não tínhamos um encontro estadual de crianças há tempos, colocamos como meta fazer um encontro em 2017. Entrei nesse momento como professora e articuladora. Fizemos um encontro preparatório em 2016 no espaço Wanderley Caiche, que era um assentamento na região de Alhandra e Caaporã, na beira da BR. Foi um encontro com mais de 100 crianças, com oficinas e rodas de diálogos. Colocamos em todos os nossos setores do MST a discussão sobre a questão da Jornada da Alimentação Saudável. Ao colocar essa discussão no encontro, pensávamos nas e com crianças. Pensávamos na produção de alimentos, se as crianças tinham acesso a essa produção, se os pais usavam veneno etc. Buscamos perceber a questão da alimentação diferenciada da criança da cidade para a criança do campo.

Em 2017 fizemos o encontro estadual com mais de 200 crianças, em João Pessoa, também nessa perspectiva de discutir a questão da alimentação

saudável e de discutir a criança, seu espaço enquanto sujeito e a questão dos seus direitos.

Ainda em 2017 me coloquei na direção estadual, e assim articulamos da infância até a universidade. Nesse sentido, a infância no MST não aparece só na escola, mas também nas cirandas Sem Terrinha.

Christina Gladys: O que são as Cirandas Sem Terrinha?

Kamila Karine: Em todos os espaços do MST existe uma preocupação de criar espaços de cuidado para as crianças, desde bebês até os doze anos, onde os pais estão em formação e as crianças estão em um espaço para elas. As crianças do MST estão sempre presente – inclusive nos processos de mobilização e de ocupação elas estão presentes. O espaço de garantia para elas são as Cirandas, que são espaços de crianças, espaço do brincar pelo brincar, assim garantimos o espaço dessa criança como sujeito político. Tivemos, também, a experiência das crianças na ocupação da praça João Pessoa - PB no processo Lula Livre. Tínhamos cerca de 30 crianças, garantindo o espaço delas, por exemplo, na escrita de cartas pra Lula, na construção de bonecas de pano, brincadeiras e desenhos. Mesmo reconhecendo que aqueles espaços não são os melhores que poderíamos oferecer, mas era um espaço lúdico, um espaço de discussão política, de escuta. Então hoje minha função fica muito na articulação dos espaços com as crianças e com as famílias.

Christina Gladys: Como será a participação delas nesse Encontro Nacional?

Kamila Karine: Em relação ao primeiro encontro nacional de crianças Sem Terrinha, ele vai acontecer em 28 de maio de 2018.³ E como tem se mostrado, 2018 tem sido um ano de acirramento das lutas, o que nos convoca, enquanto movimento, a fortalecer nossa organicidade. Por isso, temos também nos inspirado pela Mística da Infância, no sentido de acreditar em um novo amanhã nesses tempos difíceis que vem. Estamos realizando esse encontro e ele vai acontecer no Parque da Cidade, em

³ Nota da entrevistadora: o Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha aconteceu entre os dias 28 a 31 de maio de 2018 no Parque da Cidade em Brasília – DF.

Brasília - DF. É um encontro que tem a expectativa de reunir 1000 (um mil) crianças. Os encontros estaduais já foram encontros que ensaiavam essas questões preparatórias. Também estamos realizando a preparação de educadores infantis que vão acompanhar nossas crianças, assim como a articulação nacional de oficinairos, dos artistas que estarão participando do encontro. Todos os Estados vão enviar um ônibus. Pernambuco irá com três ônibus e da Paraíba iremos com 20 crianças, já que não conseguimos ônibus. A nossa faixa etária é entre 8 e 12 anos. Estamos discutindo a partir de um caderno de orientações para os educadores. O encontro vai ser muito pensado no protagonismo das crianças e, além de crianças brasileiras, teremos a participação de crianças de países que estão passando por momentos difíceis como Cuba, Venezuela, Síria.

Christina Gladys: Quais são as inspirações teóricas nesse diálogo com as crianças?

Kamila Karine: Pensamos a partir dos documentos que foram elaborados a partir das experiências em todo o Brasil, tendo como inspiração Pistrak,⁴ a pedagogia socialista e os estudos de Paulo Freire. Tendo esses horizontes as crianças são compreendidas como sujeitos ativos e críticos, capazes de atuar na luta e no respeito à organização. O MST visualiza a criança como esse sujeito que participa do processo organizativo, assim como os adultos. É importante destacar, com base naquilo que Pistrak nos ensina a respeito da auto-organização, a partir da sua realidade, e a partir das tarefas que o MST coloca como engajamento, seja na escola ou nas lutas, hoje nos encontramos frente a muitos desafios. Consideremos, por exemplo, quando se fala em auto-organização dos estudantes a partir da perspectiva que o MST traz. Hoje só há algumas experiências isoladas na Paraíba, e mesmo que tenhamos realizado a luta pela escola, é o município quem toma conta e não temos como avançar muito nas escolas. Deste modo, onde podemos trabalhar a questão da infância na sua auto-organização? Em questões simples: ela ter voz nos espaços, ela ter o poder de decisão entre seus pares, ajudando-a a entender que ela está ocupando a terra, o

⁴ Moisey Mikhaylovich Pistrak foi um educador socialista que viveu na Rússia e influenciou as ideias pedagógicas do período pós-revolução russa de 1917.

porquê de muitas vezes elas serem vistas com preconceito na cidade etc. No que diz respeito a esses debates, os espaços que temos para implementar o diálogo das/com as crianças vão ser as cirandas,⁵ as vezes com os mais velhos. No que toca à Paraíba, o nosso coletivo está muito limitado, e mesmo um pouco frágil. Percebemos nas falas das crianças que elas entendem muito bem que estão em um espaço de disputa, quanto elas estão acampadas, por exemplo. Percebemos muito isso na fala delas, na ciranda do acampamento Dom José Maria Pires, aqui no litoral. Ficamos sabendo, por duas meninas de nove anos, que no início do ano o ônibus escolar não estava chegando lá, mesmo que hoje a situação esteja regularizada. E elas diziam: “Olha, eles não vem aqui porque a gente mora longe, porque a gente é visto como muito pobre, mas estamos na luta...”. Vemos o acampamento também como espaço de formação de todos os dias, como espaço de luta, desde o transporte da escola que não chega até a luz e a comida. Elas se veem nesse espaço de luta e de resistência.

Christina Gladys: O que é ser criança rural?

Kamila Karine: É ser criança na luta pela conquista dos direitos. Nossas crianças têm uma grande capacidade de integração, de disciplina, de coletividade, para além do nosso espaço do campo, do espaço rural. É ainda uma infância saudável, na questão das brincadeiras, das brincadeiras coletivas, brincadeira de árvores, brincadeira de rodas, enfim, na brincadeira com integração com outras crianças, de correr por sua área, de conhecer sua vizinhança, de conhecer sua comunidade, de ter mais espaço para o diálogo. Isso não quer dizer que nossas crianças não tenham acesso a todos os problemas que as crianças de cidade têm, mas para elas isso chega um pouco mais tarde. Isso da criança achar que é adulta antes do tempo, por exemplo. Mas a questão da internet e a questão da própria violência têm chegado. O tráfico também é uma questão que temos percebido, principalmente nos assentamentos próximos às cidades. A temática da violência e do tráfico preocupam e precisam ser discutidas mais cedo. Mas,

⁵ Nesse dossiê dois artigos trazem a questão das cirandas, referimo-nos àqueles que tratam da infância no MST.

acredito que essas crianças têm a infância um pouco mais garantida nesses aspectos.

Christina Gladys: Como você se coloca nos estudos sobre infância rural?

Kamila Karine: Para além do trabalhar com a temática da infância no sentido acadêmico, eu me coloco muito como militante, buscando também entender essa infância, essa conquista de direitos e mesmo a falta de direitos desses sujeitos sociais/crianças. Acredito também que para quem vai trabalhar com crianças em espaços rurais e em ambientes do MST se faz necessário entender o projeto político e a história desses espaços e do próprio movimento, isso porque as crianças estão inseridas nesse processo de sociedade. Buscando compreender que seus espaços têm uma ‘tensionalidade política’ que vai para além da escola, do assentamento. Para quem está nessas áreas de estudos, se faz necessário o estudo das cartilhas feitas por eles. Os acampamentos, a zona rural e a vida campesina não estão isolados de uma organicidade nacional, por isso é interessante que levemos as crianças para os encontros nacionais para que elas possam ter trocas de ideias e tenham a oportunidade de pensar sobre suas vidas, suas infâncias.

Christina Gladys: Kamila, parabéns pelo estudo, trabalho e engajamento. Desejo que tudo corra bem neste encontro e que possamos ter uma nova conversa para sabermos como tudo transcorreu. Muito obrigada!

Texto recebido em 15/05/2018 e aprovado em 16/05/2018.